



Pierre Hassner por Scarlet Mikolska

INQUIETAÇÕES DE UM EURO-ATLANTISTA

Teresa de Sousa entrevista Pierre Hassner

A crise na aliança ocidental é, desde o 11 de Setembro, o tema principal dos escritos de Pierre Hassner. Sucessivamente, nos últimos meses, publicou *L'empire de la force ou la force de l'empire*, *Washington et le monde*, com Justin Vaisse, e *La terreur et l'empire* em que se reitera a mesma conclusão sobre a pior de todas as crises entre os vencedores da Guerra Fria, divididos pela convergência entre o radicalismo dos neoconservadores norte-americanos e o gaullismo dos europeus antiamericanos. Esse pessimismo persiste na entrevista de Pierre Hassner com Teresa de Sousa, em Lisboa, a 3 de Outubro de 2003.

TERESA DE SOUSA > *Quais podem ser as consequências do impasse da superpotência norte-americana no Iraque?*
 PIERRE HASSNER > É difícil dizer. Neste momento estão na defensiva. Como já aconteceu duas ou três vezes, o Departamento de Estado, mais multilateralista, tenta aproveitar o facto de estar abalada a confiança nos que desencadearam a guerra. Mas, ao mesmo tempo, não é seguro que as coisas vão seguir nessa direcção. Creio que [o Presidente] George W. Bush está convencido das suas razões e, por outro lado, provavelmente não vai conseguir a ajuda internacional que pretende, porque não quer fazer concessões importantes e os outros países também não se querem envolver muito. Por isso, penso que, mais uma vez, os responsáveis do Pentágono voltarão a poder dizer: estão a ver, não serve de nada ir à ONU e apelar aos aliados. Há também as eleições presidenciais e a administração precisa de começar a descomprometer-se antes de Novembro. Creio, por isso, que o seu plano pode ser mais ou menos assim: vamos fazer agora as coisas desagradáveis – mais tropas e mais dinheiro – e esperar que, no princípio deste ano, consigamos algum sucesso. Depois, é preciso declarar a vitória pela segunda vez e começar a retirar, criando a dinâmica de que se está a trazer os «boys» de volta. Mas é uma simples aposta e não é seguro que as coisas aconteçam assim.
 > *Com o que se passa no Iraque e no Médio Oriente, ainda é possível à administração americana acreditar que sozinha pode impor a sua ordem imperial ao mundo? Sem custos excessivos?*

> Não creio. Ainda há uma oportunidade com a qual eles contam, mas a tendência já é a contrária: o reconhecimento de que subestimaram enormemente as dificuldades que iriam enfrentar. Eles acreditavam que iria nascer muito rapidamente um Iraque ao mesmo tempo democrático, pró-americano e pacífico. Como disse um investigador francês, Olivier Roy, eles podem ter duas destas três coisas, mas não as três ao mesmo tempo. Também se iludiram sobre o «roteiro para a paz» [no conflito israelo-palestiniano]. Acreditavam que Abu Abbas iria prevalecer.

Penso que o objectivo de reestruturar o Médio Oriente tem poucas possibilidades e penso também – e esta é a grande questão – que não podemos ter um império «de segunda» e que vai ser impossível transformar os americanos em romanos...

Quando vamos aos EUA, vemos que os americanos, apesar de tudo, se consideram ainda em guerra e os europeus não. Mas, se eu tiver que apostar, creio que a América é um país burguês liberal e que os americanos não vão querer gastar o seu dinheiro e, sobretudo, as suas vidas, indefinidamente. Eu fui contra a invasão do Iraque, precisamente porque pensava que os americanos subestimam sempre o nacionalismo e a resistência, mas agora que lá estão, não creio que ninguém tenha interesse em que seja um desastre. Por isso, desejo um compromisso, embora seja pessimista quanto à possibilidade de o conseguir.

Espero que os americanos vejam que é uma loucura querer desempenhar esse papel no mundo e que os europeus compreendam também que é preciso ajudá-los. Mas, se tiver de prever, acho que ou eles vão teimar sozinhos, ou então Bush será derrotado e haverá uma retirada como houve no Vietname. Porque as coisas se começam a parecer com isso.

Desejo o multilateralismo americano mas vejo mais facilmente o unilateralismo – ou teimosia imperial ou retirada isolacionista.

> Depois da vitória na guerra, houve na Europa uma primeira reacção mais ou menos positiva. Os europeus tentaram ultrapassar as suas divisões, prepararam a sua nova doutrina de segurança – aliás, com alguns pontos comuns com a doutrina americana. Agora, perante as dificuldades dos americanos, voltam a dividir-se e a hesitar. Há a França igual a si própria; há os alemães que tentam reaproximar-se de Washington; há os outros que apoiam os Estados Unidos. Como vê a reacção europeia e o que se vai passar no futuro?

> Aí também estou um pouco pessimista. A única coisa um pouco positiva é o entendimento entre os três grandes sobre a defesa europeia. Porque a única solução para a Europa exigiria que os franceses, que foram demasiado longe na sua oposição, abandonassem essa doutrina do mundo multipolar – a ideia de nos apoiarmos na Rússia e na China contra os Estados Unidos – e, ao mesmo tempo, que Tony Blair compreenda que também foi demasiado longe na sua ligação com os Estados Unidos, que não obteve grande coisa e que, em certas questões, como no Médio Oriente, os europeus podem estar bastante unidos. Blair está mais próximo dos europeus do que dos falcões de Bush. Pode haver uma posição comum de apoio crítico aos Estados Unidos.

Os alemães estão a tentar reaproximar-se [de Washington]. Mas, ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que alguma coisa se passou, uma espécie de ruptura psicológica entre alemães e americanos que me parece muito forte. Toda a gente tenta acomodar-se aos americanos. E os franceses continuam a querer demonstrar que a França é a única que mantém a bandeira erguida e isso é altamente conveniente para os americanos. Como dizia Condoleezza Rice: «perdoar aos russos, esquecer os alemães e punir os franceses».

Isso dá jeito a ambos. Os franceses pensam que são os porta-vozes de uma ordem alternativa; e os americanos vão-se entendendo com os outros. É por isso que estou pessimista e temo a divisão da Europa. Embora haja, ao mesmo tempo, muita gente que trabalha muito para a unidade europeia. E há a sensação de que, pela primeira vez, os europeus aceitam o princípio de que haja uma doutrina de segurança europeia, em vez de atribuírem essa responsabilidade apenas à OTAN.

Em suma, é uma situação muito complexa. Há divisões no curto prazo e há, apesar de tudo, um sentimento comum a toda a Europa traduzido nas manifestações contra a guerra, em todos os

países, e nas sondagens... O risco é que venha a haver uma convergência na Europa, mas que ela se faça sobretudo contra os Estados Unidos, o que eu creio seria mau.

> Foi uma das poucas vezes em França a criticar a política de Jacques Chirac antes da guerra?

> Se quiser, a minha posição é bastante complexa. Critico, como sempre critiquei, esta pretensão gaullista da França de querer jogar fora da sua categoria, e de não querer uma posição europeia, mas, ao mesmo tempo, querer falar em nome da Europa. Critiquei, sobretudo, a maneira como Jacques Chirac se dirigiu aos países de Leste que vão entrar na União Europeia, mandando-os calar. Ele fala aos europeus de Leste exactamente da mesma maneira que Donald Rumsfeld fala aos europeus ocidentais.

Há vários intelectuais franceses – André Glucksman e Pierre Lelouche, por exemplo – que estão claramente do lado dos americanos, ao passo que eu critico tanto os americanos como os franceses. Porque digo que ambos prosseguem as mesmas pretensões unilaterais e cada um faz o jogo do outro. Colaboram um com o outro para destruir a Aliança Atlântica que nos serviu desde a guerra. Há uma cumplicidade objectiva entre Chirac e Paul Wolfowitz.

Mas a França começou por ter uma posição perante a guerra no Iraque que parecia indicar outra direcção, diferente dos alemães, que se opunham à guerra em qualquer situação. Nessa primeira fase, Dominique de Villepin negociava. Depois, a partir de Fevereiro [de 2003], tudo mudou. Foram tomados por uma espécie de loucura demagógica, provocada pelos aplausos na ONU, e viram-se de novo no papel de de Gaulle, como porta-vozes do mundo contra a América. Dizem que foi sobretudo Villepin que se deixou levar por esta loucura e que Jacques Chirac era mais político. Mas, ao mesmo tempo, critico também os americanos e condenei a invasão do Iraque.

> A França defende um «multipolarismo» contra o unipolarismo americano. Que é diferente de uma concepção multilateral, talvez mais própria da experiência europeia.

> Toda esta concepção de pólos é muito confusa. Não são pólos de idêntica dimensão. Se se trata de poder, não há nenhum pólo que possa comparar-se ao pólo americano. Mas nós vemos também os limites do seu poder.

Tony Blair, respondendo a Chirac, defendeu um mundo em que os Estados Unidos e a Europa fossem um só pólo. E também disse que não queria um super-Estado europeu, mas uma superpotência europeia. Há aqui uma contradição.

O que eu creio é que há, de facto, o Ocidente e as democracias e o que a II Guerra Mundial e o comunismo nos ensinaram foi que, apesar de tudo, não estamos a falar de uma geometria abstracta: a China não é equivalente aos Estados Unidos, nem Chirac pode dizer que, sem a Inglaterra, pode haver uma defesa europeia com a Bélgica e o Luxemburgo. Não é nada disso. Há não só a desigualdade entre os pólos, como também os laços transatlânticos que são, apesar de tudo, laços assentes em valores políticos entre democracias liberais e, também, de interdependência económica. Creio que deve haver mais multilateralismo no interior do Ocidente e isso não será possível se não houver algum grau de multipolaridade no Ocidente. É a velha ideia de que a Europa deve ser um contrapeso, mas um contrapeso entendido como segundo pilar da Aliança Atlântica.

> Com as divisões abertas pelo Iraque, crê que a Europa ainda pode consolidar-se como entidade política capaz de pesar no mundo e influenciar os EUA?

> Uma vez mais estou pessimista. É essa a minha característica: prevejo sempre o contrário do que desejo e sou pessimista também nesta matéria. Mas, apesar de tudo, há coisas que estão a correr

bem. Estamos numa crise parecida com a que houve no tempo de de Gaulle – os que são pela federação europeia, os que eram pela Europa atlântica e os que eram pela Europa dos Estados. Não vejo outra solução que não seja regressar ao espírito de compromisso, avançar um pouco na defesa europeia e procurar preservar as relações com os Estados Unidos. Presentemente, estou pessimista porque o factor americano está a complicar isto tudo. Na administração Bush, há pela primeira vez a ideia de que é melhor dividir os europeus, que é melhor ter uma Europa dividida e não unida. William Kristol [neoconservador e editor da revista *Weekly Standard*] fala das três mudanças: da dissuasão para a prevenção; do «containment» para a mudança de regime; do idealismo de Clinton para um internacionalismo especificamente americano. Ora, o que era especificamente americano, o que era único na história dos impérios, era o facto da América, em vez de dividir para reinar, encorajar e ajudar a unidade europeia. Hoje, começam a comportar-se segundo a lógica eterna dos impérios: dividir para dominar. O risco desta estratégia – de jogar os novos contra os antigos, os pequenos contra os grandes – é que não funcione e que se transforme num incentivo a uma Europa antiamericana.

Creio que o velho atlantismo do tempo de Kennedy está morto. Mesmo que Bush venha a ser derrotado. Depois de Cabul e Bagdade, os americanos vão ser mais prudentes, mesmo com Bush. Mas isso não significa que possamos regressar a uma aliança verdadeiramente integrada e ao primado da Europa como aliada da América. A aliança multilateral com a Europa era excepcional, era mesmo contra a tradição dos Estados Unidos e não creio que possa ser ressuscitada. Penso que a América vai voltar-se mais para a Ásia porque é a China que tem vocação para «challenger». A menos que queiramos especular sobre a hipótese de uma aliança entre a Rússia e a China que leve a uma nova ameaça comum. Mas já não haverá a intimidade de antes. Como disse Kissinger, está a desaparecer a última geração que era sentimental em relação à Europa... Há mudanças estruturais. O que me parece importante é que devemos pelo menos reconhecer que, embora haja prioridades e responsabilidades diferentes, há mais proximidade entre a América e a Europa do que com qualquer um dos outros pólos. E que, quando não estamos de acordo, devemos entender-nos no desacordo em vez de fazer campanha um contra o outro.

No Iraque, devíamos ter dito: nós temos uma outra análise, acreditamos que a guerra tornará mais difícil a solução do problema do Médio Oriente, mas boa sorte. Porém, a «tournee» de Dominique Villepin, antecipando-se a Colin Powell nas capitais africanas para as pressionar a não votar [uma resolução das Nações Unidas autorizando a invasão do Iraque] – dá razão aos americanos quando perguntam de que lado nós estamos.

Quanto à Europa, mesmo que Javier Solana elabore uma doutrina estratégica, nos momentos de crise vamos continuar a dividir-nos.

> *A França está fundamentalmente apostada em reconstruir o eixo Paris-Berlim e em criar em torno dele um núcleo duro europeu que lhe permita fazer prevalecer as suas concepções europeias e mundiais. Este caminho tem hipóteses?*

> Não sou contra a ideia. Penso que a única Europa possível é a várias velocidades ou em geometria variável. É como o Euro. Dizia-se que iria dividir, mas, pelo contrário, uniu. Os que querem fazer a defesa, devem fazê-la desde que seja aberta. Não é possível esperar pela concordância de todos. Perdi um pouco o contacto com o que se está a passar na Alemanha. Tenho a impressão que a Alemanha se afasta dos Estados Unidos, mas não sei se isso a vai tornar mais pró-europeia e

mais pró-francesa, ou se prevalecerá – é esse o meu instinto – uma espécie de sentimento introspectivo, não de nacionalismo agressivo, mas um olhar para dentro. Qualquer coisa como: vamos resolver os nossos próprios problemas, que já nos chegam, já não temos vontade, nem sentimos necessidade de continuar a pagar pela Europa. Mas também sou obrigado a reconhecer que o único político verdadeiramente europeu é um alemão. É [o ministro dos Negócios Estrangeiros] Joschka Fischer. Não sei é qual é o seu peso. É por isso que não acredito muito na solidez desse eixo franco-alemão.

> É possível imaginar uma Europa com defesa e com capacidade de influenciar o mundo e os Estados Unidos sem a Inglaterra?

> Claro que não. É por isso que digo que a única coisa positiva, mesmo que pequena, foi esse encontro dos três [a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha] em Berlim. Creio que esta convergência é fundamental. Timothy Garton Ash diz que há três visões do mundo: a visão americana, imperial; a francesa, com os seus pólos; e a de Blair, que é pela unidade do Ocidente. E é Blair quem tem razão. Só que, para que a sua visão tenha futuro, é preciso que convença os outros dois... Creio que está demasiado comprometido com os americanos para o poder fazer. Como diz um amigo meu, há duas Américas. A América de Bush e a América de Gore. O 11 de Setembro desequilibró-as. Veremos se haverá um efeito pós-11 de Setembro, como houve um efeito pós-Vietname, e depois voltamos ao equilíbrio entre estas duas Américas, ou, pelo contrário, se há uma transformação profunda. Podemos ter esperança em que haja uma outra América. Mas não podemos esperar que haja outra Inglaterra – tudo o que não é Blair, é pior do que ele. E Blair está em dificuldades.

> A intervenção no Iraque não resolveu nada até à data, a não ser acabar com o regime de Saddam. A Europa está em dificuldades, dividida, em crise, não sabe para onde vai. Há o fracasso de Cancún. Para que tipo de ordem – ou de desordem – estamos a caminhar, com todos estes sinais negativos?

> Sou pessimista, já disse. A Europa continua a existir. Há ainda possibilidade de colaboração. Criticamos muito a estratégia americana, mas eles têm razão em dizer que as armas de destruição maciça e o terrorismo são uma ameaça. Os europeus não têm suficiente consciência destes riscos. Por exemplo, na Coreia do Norte e no Irão, os Estados Unidos são de certo modo obrigados a seguir uma via multilateral, com os europeus [no Irão] e com outros na Coreia do Norte, com os chineses e os russos. Em segundo lugar, na relação Sul-Norte, há coisas positivas. [O Presidente] Lula no Brasil, por exemplo.

O que eu temo, sobretudo, é que a profecia de Samuel Huntington acabe por tornar-se verdadeira. Não se pode permitir que esta guerra contra o terrorismo – que é necessária – se transforme numa guerra dos cristãos e dos judeus contra os muçulmanos, dos ricos contra os pobres, do Norte contra o Sul.

Há elementos positivos. Há Estados do Terceiro Mundo – que não são, uma vez mais, os árabes nem os africanos, mas sim países como a Índia e o Brasil – que podem ter uma boa influência para impedir este tipo de choques. A Europa e estes países, em vez de seguirem incondicionalmente os americanos, ou de os confrontar – o que excita a França são os aplausos do Terceiro Mundo –, deviam tentar ser mediadores, dizer aos americanos que os apoiam na luta contra o terrorismo – e aí Blair tem razão – tentando ao mesmo tempo influenciá-los e mediar entre eles e o mundo árabe e islâmico.

Fomos um pouco triunfalistas sobre o progresso da democracia – sobretudo no tempo de Clinton – mas a verdade é que não há alternativa viável. Há pulsões totalitárias e Estados totalitários, mas creio que a mundialização não os favorece. A globalização tem aqui algo de bom. E, mesmo que critiquemos, como eu critico, os americanos, temos de reconhecer que é melhor serem eles a dominar o mundo do que os chineses ou os russos.

> Há uma frase muito interessante no seu último livro sobre a «arrogância da superpotência americana e a arrogância da impotência europeia». Crê que a Europa pode continuar a seguir este caminho, pode continuar a ignorar um mundo que mudou completamente?

> Não. É por isso que desejo que a França e a Inglaterra, que têm a noção que é preciso utilizar a força, se entendam. É por isso também que os franceses, que tiveram mortos na Jugoslávia, ficaram chocados com a doutrina das «baixas zero» dos americanos nos Balcãs. O general francês que esteve nos Balcãs na pior altura falava dos soldados que estão preparados para matar, mas não aceitam morrer.

A França e a Inglaterra podiam ter um papel, mesmo sem a ilusão de que tudo se resolve pela via militar. É isso que eu não compreendo. Essa espécie de esquizofrenia que leva a administração americana a só ver a força militar e os europeus a verem apenas os meios pacíficos... Para os jovens europeus, esta ideia de guerra não existe. Para eles, é obscena e incompreensível. Mas o fim das guerras coloniais é recente.

Há uma tentação imperialista dos americanos e uma tentação pacifista dos europeus. **RI**

O Ocidente não tem, nem precisa de ter o equivalente da religião secular com a sua igreja e a sua teologia, intérprete – ao mesmo tempo papa e imperador – dos profetas. Mas deve representar a ideia de uma ordem internacional. O interesse nacional dos Estados Unidos não receberá apoio de nenhum país, nem suscitará qualquer lealdade, se não for solidário de uma ordem internacional, ordem da potência e, ao mesmo tempo, ordem da lei. [...] Uma grande potência enfraquece-se a si própria quando renuncia a servir uma ideia. **RI**

Raymond Aron